

LINGUASAGEM

UM VAZIO PREENCHIDO DE POESIA: HIÂNCIA E ERRÂNCIA COMO MATÉRIAS POÉTICAS NO SIGNO SAUSSUREANO

João Flávio de ALMEIDA¹

Resumo

Para a Análise do Discurso de linha francesa, a língua é concebida como materialidade do discurso. Esse pressuposto é uma das heranças do marxismo dentro dos escritos de Pêcheux (2008; 2009), e coloca em questão noções milenares como “matéria”, “materialidade” e “materialismo”. Contudo, as concepções contemporâneas de matéria podem coagular a maneira com que marxistas e analistas do discurso pensam a ideia de materialidade, o que nos exigiria alguma revisão conceitual. Partindo de Saussure (2006), o objetivo deste artigo é analisar a hiância e o vazio enquanto forças que habitam o âmago do signo, propondo uma noção de materialidade pautada muito mais pela ausência e pela hiância que pela presença corpórea. Tal vazio operante é o que chamamos, aqui, de “matéria poética” do signo, da língua e do discurso.

Palavras-chave: Signo; Língua; Matéria; Materialismo; Saussure.

Abstract

For French Discourse Analysis, language is conceived as materiality of discourse. This assumption is one of the inheritances of Marxism within the writings of Pêcheux (2008; 2009), and calls into question ancient notions such as "matter", "materiality" and "materialism". However, contemporary conceptions of matter can coagulate the way in which Marxists and discourse analysts think of the idea of materiality, which would require some conceptual review. Starting from Saussure (2006), the objective of this article is to analyze the hyancia and the void as forces that inhabit the heart of the sign, proposing a notion of materiality guided much more by the absence and by the hyancia than by the corporeal presence. This operative void is what we call, here, the “poetic matter” of the sign, language and discourse.

Keywords: Sign; Language; Matter; Materialism; Saussure.

Vazios iniciais

Sempre me tocou de forma poética a constituição material do átomo. Explico-me. O raio de um átomo mede 10^{-8} cm, ao passo que o núcleo do mesmo átomo ocupa um raio de 10^{-12} cm. Sabe o que isso significa? Que o núcleo de um átomo tem um raio

¹ Prof. Dr. na Universidade de Ribeirão Preto. E-mail: joaoflaviodealmeida@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/4157503916940767>. <https://orcid.org/0000-0002-2165-8392>

dez mil vezes menor que o raio total do átomo. Isso quer dizer que se um átomo fosse do tamanho do estádio do Maracanã, seu núcleo seria do tamanho de uma moeda de dez centavos, colocada lá no centro, e cada elétron seria dez vezes menor que a metade de um grão de areia. Assim seria nosso átomo de hidrogênio: um fragmento de um grão de areia fazendo um círculo do tamanho do Maracanã em torno de uma moeda de dez centavos. E isso ainda não é o mais intrigante. Sabe com o que é preenchido todo esse espaço entre elétrons e núcleos? Com nada. Tome aquela moeda, a mesa à sua frente, um elefante ou a lua..., todas essas materialidades são muito mais lacunas, hiâncias, vazios, nada..., do que completudes. Mas isso não quer dizer que não exista absolutamente nada ali. Nesse gigantesco espaço vazio circula uma grande quantidade de energia de atração e repulsão, um pulsar de forças que afastam e aproximam conferindo ao átomo o aspecto que possui.

Essa concepção contemporânea do átomo e do mundo material coagula em grande medida uma série de célebres enunciados filosóficos a respeito daquilo que chamamos de “matéria”, “materialidade” e “materialismo”, conceitos caros ao marxismo e à Análise do Discurso² de linha francesa (PÊCHEUX, 2008; 2009). Nenhuma matéria parece ser, tal como concebiam os pré-socráticos e os primeiros modernos, completudes. Ora, que materialidade é essa que se mostra muito mais imaterial que material?

O objetivo deste texto é propor a ideia de que com a significação e o discurso se passa o mesmo. Se assumirmos que a materialidade do discurso é a língua, nosso problema está de volta: o valor e a arbitrariedade do signo (SAUSSURE, 2006), o silêncio (ORLANDI, 2008) e a errância da significação (ALMEIDA, 2019) só podem oferecer algo mais parecido com um vazio do que com uma inteireza, ou melhor, algo mais parecido com uma poesia do que com uma equação matemática. Dito isso, o objetivo deste texto é refletir sobre a constituição errante e porosa do signo a partir de Saussure (2006), e com isso recolocar certas questões relativas à matéria e à materialidade da língua no discurso.

Para tanto, faz-se preciso desatar certos nós criados e reproduzidos dentro do continente marxista em torno de noções como matéria, materialidade, materialismos, materialismo histórico e materialismo dialético; não raro tomamos esses conceitos de forma descuidada e inconsequente. Todos esses caros conceitos se sustentam sobre o

² Doravante AD.

primeiro, sobre a noção de matéria – que cronologicamente foi o primeiro a aparecer na história da filosofia. O que poucas vezes nos advém é que no decorrer da história do pensamento ocidental diferentes e contraditórias concepções foram atribuídas à ideia de “matéria”.

Segundo o dicionário de filosofia de Abbagnano (2010), existem pelo menos seis definições para este termo: 1) matéria como sujeito; 2) matéria como potência; 3) matéria como extensão sensível; 4) matéria como força; 5) matéria como lei; 6) matéria como densidade de campo. Como usar uma palavra que parece conter tantas definições diferentes e contraditórias? É como usar “azul” sabendo que este termo pode se referir a outras tantas cores e até a outras coisas fora do espectro das cores. Essa pluralidade significativa parece nos obrigar a escolher uma e a esquecer ou apagar as demais; caso contrário, usar a língua seria um desafio ainda maior, quiçá impossível. Contudo, enquanto analistas do discurso somos instados a colocar em questão a opacidade da língua, o dito e o não dito, as condições de produção e os esquecimentos. E se o fazemos em nossas análises, talvez devêssemos fazê-lo também na teorização.

Matéria e materialismo no continente marxista

A Análise do Discurso de matriz francesa (PÊCHEUX, 2008) conhecidamente se sustenta sobre o tripé “linguística saussuriana”, “sujeito psicanalítico” e “materialismo histórico-dialético” de Marx/Althusser. Neste aspecto, Pêcheux diversas vezes aponta para o primado material do signo, da língua e do discurso, o que nos impele a buscar pelo materialismo possível em Saussure e em Freud. Essa tarefa nem sempre é fácil, e por vezes culmina em anomalias teóricas insustentáveis. Por isso convém a esse texto uma breve retomada teórica que possa sustentar as provocações as proposições que aqui objetivamos.

Marx é, sobretudo, avesso ao idealismo racionalista dos séculos XVII e XVIII - que por vezes chegava a conceber mundos ideais impossíveis de serem analisados cientificamente. Não devemos nos esquecer que o projeto inicial do sociólogo alemão era fornecer um dispositivo teórico capaz de analisar a sociedade com uma precisão mais próxima da ciência copernicana que da teologia social de Leibniz e outros racionalistas.

No marxismo a definição mais comum de matéria é a que compreende tal conceito como extensão sensível, definição parecida com aquela usada tanto pelos racionalistas quanto pelos empiristas, mas que advém, contudo, das noções atomistas

dos pré-socráticos. Dito de outra forma, materialidade - forma de ser da matéria, qualidade daquilo que é material (ABBAGNANO, 0000) -, em Marx e Engels, tem que ver com entidades extensas intuídas pela percepção. Matéria é igual a coisa sensível.

Contudo, como já visto, esta não é a única definição de matéria. O que será que estamos ganhando e perdendo com o apagamento das outras concepções? Será que as demais definições de matéria não poderiam nos ajudar a chegar em lugares teóricos ainda não desbravados dentro do campo da AD? Veremos isso mais adiante.

Da concepção imprecisa e errante de matéria emerge o materialismo, que designa, em geral, toda doutrina que atribua causalidade exclusivamente à matéria; ou seja, a única causa (agente causador) das coisas é a matéria. Neste aspecto, o materialismo se distancia do racionalismo e do idealismo, que acreditam que a consciência humana é tudo que realmente existe, e que a matéria não está verdadeiramente ao alcance de nossa cognição. O materialismo, neste caso, se aproxima do empirismo, para quem a substância extensa e material do mundo é a única fonte de conhecimento seguro.

Mas o materialismo marxista não corresponde exatamente ao materialismo empirista. Para Marx e Engels o único materialismo que importa é aquele que se vê através da dialética e da história. O materialismo dialético tenta dar conta da dialética (diálogo, movimento de contraposição e contradição) entre o mundo material e o mundo sócio-histórico. É através desse conceito que Marx explica a relação entre as materialidades naturais (Forças Produtivas como terra, ferramentas etc.) e as relações sociais (Relações de Produção, conflito de classes).

Ora, é por intermédio do materialismo dialético que se pode chegar ao materialismo histórico, que preconiza que a ação da história sobre o presente só pode ocorrer por intermédio de materialidades históricas – haja vista que a história, em si e por si mesma, não existe. Dessa forma, o Materialismo Histórico-Dialético diz respeito à dialética histórica que se manifesta por intermédio de materialidades, a saber, entidades extensas dadas à percepção, capazes de guardar memórias que atuam no presente.

Importa, contudo, notar que a maneira com que Marx (1976) trabalha a noção de matéria e materialismo não é comum a mais nenhum campo teórico, e isso diz algo. A primeira pista é que grandes nomes da filosofia, antes e depois de Marx, ficam de fora dos estudos do continente marxista. A segunda pista aponta para um possível dogmatismo teórico que não se abre a outras possibilidades. E a terceira, enfim, pode

nos sugerir que talvez essa definição de materialismo pode estar incorreta, ou no mínimo incompleta.

Ora, as concepções contemporâneas de matéria, advindas principalmente da física, podem colocar em suspensão algumas dessas concepções que foram elevadas ao status de dogmas dentro do continente marxista, onde habita, em grande medida, o campo da AD. As noções de matéria como energia e como densidade de campo, advindas da física quântica, podem nos ajudar a chegar a reflexões interessantes sobre o funcionamento do signo, da língua e do discurso.

No próximo tópico nos debruçaremos a compreender um pouco melhor de que forma o signo e a língua, conforme delineados por Saussure (2006), podem nos fornecer pistas sobre a “densidade” dessa materialidade do discurso. No tópico final nos deteremos a cotejar a concepção saussuriana de signo com as diferentes noções de “matéria” advindas de distintos campos da filosofia e da ciência. Se nossa hipótese estiver correta, a língua e o signo, enquanto materialidades, são compostos muito mais por vazios poéticos que por positivities lógicas.

Vazios, forças e potências no signo saussureano³

A história da materialidade da significação remonta à história da causalidade na língua (PÊCHEUX, 2009, p. 32). Qual é a causa primeira do signo? Que forças são essas que o colocam em movimento? Desde Aristóteles a causalidade, ou a "causa primeira", constitui o princípio metodológico da dedução, um conceito que resistiu e persistiu por toda idade média e chegou com poucas alterações até modernidade, fundamentando doutrinas idealistas, materialistas e mecanicistas. A noção de causalidade implica um fenômeno como causa ou consequência de outro em diferentes níveis de necessidade ou contingência. Quando chegou aos modernos filósofos da linguagem, a noção de causalidade parece ter forçado a linguística a buscar a origem da língua e daquilo que a causou (causalidade).

Evidentemente não existem registros que narram a origem das línguas, o que tem levado historiadores e pensadores da linguagem a exaustivas investidas idealistas muito parecidas com mitos. Saussure, ao invés de buscar a causa da língua no passado, o faz olhando para a própria materialidade da língua e para seu próprio funcionamento. Na linguística saussuriana as causas da formação dos signos são o arbitrário e o valor. Este

³ Este subtópico é baseado em um fragmento de minha tese doutoral, que pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10843>

abandono do projeto de buscar a origem das línguas olhando para o passado foi um importante passo que tornou possível avançar nos fundamentos dessa ciência (BARRETO, 2010).

Contudo, se Saussure pretende buscar no funcionamento da língua sua própria causalidade, ele precisa levar em conta que entre a causa e o efeito existe uma hiância, um vazio, já que causa e efeito são de naturezas distintas (dois não fazem um). Saussure nitidamente sabe disso, da contingência secreta da causalidade proposta por Hume (1998), e por isso a contingência secreta da causalidade da língua se torna ainda mais patente diante de uma origem arbitrária que vale pela diferença: o valor do signo. O movimento de colocar a origem da língua em seu próprio funcionamento permite a Saussure atribuir-lhe um caráter estrutural e sistemático, “minuciosamente - e, poderíamos dizer, matematicamente - delineado, de modo que conceitos como significante e significado cheguem a um considerável nível de abstração” (SANTOS; CHISHMAN, 2015).

Não obstante, a proposição de que uma hiância (descontinuidade) reside no âmago de qualquer relação de causalidade (causa/efeito), inclusive na língua, é atestada pelo próprio Saussure quando ele indica que os elementos que constituem o signo são marcados pela “oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte” (SAUSSURE, 2006, p. 81). O pensador genebrino aponta para a ideia de que existe uma separação (e oposição) fundamental entre significante e significado, mas também entre um signo e outro, uma hiância atestada pela noção de *arbitrariedade do signo* bem como pelo *valor do signo*.

Inicialmente a filosofia de Saussure se dá de forma negativa (não empírica), ou seja, a língua como um sistema isolado de signos é apreendida muito mais pelo que ela não é. Essa possibilidade de apreensão, ainda que negativa, só cabe ao conceito de língua, uma vez que sua causa (origem) está na própria língua, no próprio sistema: na arbitrariedade do signo. Esta estrutura origem de si mesma faz da língua um sistema homogêneo e minimamente apreensível, diferente da linguagem, cuja complexidade faz com que não se possa determinar sua causa. A língua, para Saussure, é passível de ser delineada como um sistema: como implica validação social, ela é um sistema que circunscreve o que é comum à totalidade dos falantes de um dado grupo; assim, o sistema da língua como *instituição social* está propenso a ser compreendido, corrigido e instrumentalizado. E o caminho Saussuriano para salvaguardar a instrumentalização e o bom uso da língua se dá através de uma nova separação, a saber, uma descontinuidade

entre *langue* (língua) e *parole* (fala). Esta última é vista como uma parte acessória e “mais ou menos acidental” (SAUSSURE, 2006, p. 22), o que permite conceber a língua como *lado estrutural da linguagem*, isolável, analisável, instrumentalizável. “Vale frisar que tal sistema linguístico é considerado autônomo, ou seja, independente do uso individual, já que, para o teórico genebrino, língua é aquilo que o falante utiliza de forma passiva, sem que reflita ou intervenha sobre tal estrutura” (SANTOS; CHISHMAN, 2015).

Este sistema é constituído por signos, estruturas mentais que podem ser registradas por meio da escrita, ou compartilhada através da fala (SAUSSURE, 2006, p. 32). Os termos *significante* e *significado* indicam “a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte” (SAUSSURE, 2006, p. 81). A definição de *significante*, segundo Saussure, é a de uma imagem acústica que “pode traduzir-se numa imagem visual constante. [...] cada imagem acústica não passa [...] da soma dum número limitado de elementos ou fonemas, suscetíveis, por sua vez, de serem evocados por um número correspondente de signos na escrita” (SAUSSURE, 2006, p. 23). Logo, a língua é como “o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens” (SAUSSURE, 2006, p. 23).

A língua, enquanto sistema de signos, permite identificar os elementos fundamentais da função *significante* da língua, ou seja, os elementos que são funcionais dentro de um sistema que cria signos distintos, separados ainda em seu berço psíquico. Em Saussure, o fundamento psíquico das imagens acústicas se evidencia pela possibilidade da construção de enunciados estritamente mentais, que fazem uso do *significante* psíquico que pode (ou não) ser materializado em palavras escritas ou faladas (SAUSSURE, 2006, p. 80). Logo, como não é necessário materializar essa impressão para fazer uso da língua, o *significante* é delineado como uma “imagem interior no discurso”, sendo a fala e a escrita apenas formas de manifestação da imagem acústica. A manifestação do *significante* se dá sempre de forma linear. O *significante* “[...] desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, 2006, p. 84). Em outras palavras, o *significante* é a contraparte do signo que se refere a uma imagem acústica em um contexto psíquico, sendo realizável sonoramente e registrável pela escrita.

Já o *significado* é a outra face do signo, que inicialmente aparece definido como “conceito”. Esta noção aparece também, em Saussure, como “fato de consciência”,

sendo responsável por suscitar a imagem acústica (SAUSSURE, 2006, p. 19). O significado é considerado a parte mais abstrata do signo, o que justifica Saussure caracterizar o significante como “material”. Diante do projeto de sistematização da língua, fica patente o motivo pelo qual o autor confere realce ao significante, que é mais sistematizável e descritível que o significado.

Em Saussure o significado tem que ver com a noção de “ideia”, de conceito que define e explica o referente a partir do significante. Assim, o significante “elefante” teria como significado algo como “grande mamífero terrestre, paquiderme da família dos proboscídeos, de pele rugosa, com grande tromba flexível e defesas de marfim que chegam a pesar mais de setenta quilos”. Mais adiante, em sua obra, a noção de significado aparecerá mais próxima da definição de significação:

Tomemos, inicialmente, a significação tal como se costuma representá-la e tal como nós a representamos [...] Ela não é [...] mais que a contraparte da imagem auditiva. Tudo se passa entre a imagem auditiva e o conceito, nos limites da palavra considerada como um domínio fechado existente por si próprio. (SAUSSURE, 2006, p. 133)

A característica do signo mais cara a este texto é a da diferença: a descontinuidade entre as partes que o constituem e que se apresentam na forma de arbitrariedade e valor. No signo, a relação que se estabelece entre significante e significado é designada principalmente pela “oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte” (SAUSSURE, 2006, p. 81). Assim, é preciso que socialmente exista um consentimento, uma convenção social, para que a o significante “cadeira” possa estar ligado à ideia de “assento de costas para uma só pessoa”. Tal convenção social impede, por exemplo, que um indivíduo passe a colar o significante “cadeira” à ideia de “grande mamífero terrestre, paquiderme da família dos proboscídeos, de pele rugosa”. Eis a contradição do signo: embora a força de tais convenções não possam ser desfeitas com facilidade, nada assegura que tais relações configurem continuidades ou extensões de um no outro. Embora o signo seja compreendido como moeda de duas faces, onde significante não existe sem significado, nada justifica que um determinado significante tenha relação de contiguidade com um dado significado.

Como a relação entre significante e significado é arbitrária, imotivada, conclui-se que não há nenhuma relação natural entre as duas partes da relação, e por isso mesmo são independentes e interdependentes ao mesmo tempo. Não há um significante

verdadeiro, qualquer um pode ser válido, a depender do contexto e do grupo social que toma aquela palavra. A noção de arbitrariedade impele a assumir que um significante não está “atado” a um significado equivalente, o que por sua vez induz a outra assunção: a de que um signo pode descosturar sua relação e se reconstituir de outra forma. Apesar da complexidade do movimento, um significante pode enlaçar-se a outro significado em um dado momento. Logo, a união que resulta de um signo não é imutável, um significante não está atado de forma necessária a um significado, o que permite que uma língua ganhe vida e se transforme. Em Saussure significante e significado jamais se equivalem. A hiância que separa a ideia da forma não indica proporcionalidade, ao contrário: indica separação, descontinuidade. Um não corresponde ao outro, são dois “entes” distintos atuando na significação.

Segundo Bouquet (1997), o arbitrário aparece em dois níveis. O primeiro diz respeito à arbitrariedade interna do signo, manifesto na descontinuidade existente entre o que o significante e o significado, imotivados um em relação ao outro (SAUSSURE, 2006, p. 83). O segundo nível concerne ao arbitrário sistêmico, concernente ao corte realizado pelo signo a partir da noção de massas amorfas, ou seja, entre um signo e suas materializações. Este nível atesta a arbitrariedade da relação que se estabelece entre o conceito de um determinado signo e as diferentes formas possíveis de manifestação significante que lhe podem ser atribuídas.

A noção de descontinuidade, portanto, aparece de forma notória na constituição interna do signo, em sua arbitrariedade contingente. No entanto, tal hiância contingente aparece também na exterioridade do signo, ou melhor, na relação que um signo estabelece em relação a outros, relações de diferenças relativas, ou seja, só existem como efeitos da união de diferenças já negativas em si mesmas. Nesse ponto surge, a partir de Saussure, a necessidade de se particularizar a *arbitrariedade* do signo da noção de *valor*, medida que reveste um signo na presença de outros.

Foi só no último dos três cursos que Saussure expôs a Teoria do Valor. Essa concepção teórica fundamenta o funcionamento da língua enquanto sistema, juntamente com as noções de arbitrariedade do signo, linearidade do significante, a delimitação do significado e do significante como parte fundamental do signo linguístico e a separação/oposição entre “língua”, “linguagem” e “fala”. O signo não existe sozinho, ele só existe como parte de um sistema e nas relações construídas a partir dele. Sozinho, um signo jamais poderá ser tomado em relação direta, de contiguidade, entre coisa e palavra. Não há nada no signo que permita essa ligação direta entre as coisas do mundo

sensível e seus respectivos nomes. Assim, quando se observa tanto o conceito da palavra quanto seu aspecto material, “jamais um fragmento de língua poderá basear-se, em última análise, noutra coisa que não seja sua não-coincidência com o resto” (SAUSSURE, 2006, p. 137).

Essa elaboração teórica saussuriana consiste em um princípio fundamental para o funcionamento da língua enquanto sistema, e só pôde ser desenvolvida por Saussure a partir da delimitação de todos os outros aspectos e princípios linguísticos por ele expostos nos cursos, tais como a arbitrariedade do signo, a linearidade do significante, a definição do significado e do significante como constituintes do signo linguístico e a distinção entre língua, linguagem e fala.

O conceito de valor concerne tanto à noção de significação quanto à de sentido, aparecendo ora como sinônimos ora como contrapartes. Neste texto não nos deteremos em discutir se tais noções devem ou não ser tomadas como sinônimos, tampouco quando elas deveriam se aproximar ou se distanciar. Ressalta-se apenas que no CLG valor e significação são termos aparentemente distintos, onde o primeiro aparece como um processo do segundo. No processo de significação, o sentido de uma palavra é constituído pelo “curso do que existe fora dela”, ou seja, a palavra “está revestida de uma significação e de um valor e isso é coisa muito diferente” (SAUSSURE, 2006, p. 134).

[...] a língua, como outros tipos de signos, é, antes de tudo, um sistema de valores, e é isso que estabelece seu lugar no fenômeno. Com efeito, toda espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social. É a coletividade que cria o valor, o que significa que ele não existe antes e fora dela, nem em seus elementos decompostos e nem nos indivíduos. (SAUSSURE, 2002)

Enquanto sistema, os termos de uma língua são de alguma forma solidários entre si, constituindo uma interdependência negativa: um signo é a contraparte dessemelhante de outros signos. Isso implica dizer que a significação de um signo depende da diferença que ele estabelece em relação aos demais, afinal, o sentido de uma palavra só irrompe em presença antagonista de outras palavras. Logo, o valor de um signo pode passar por viragem, a despeito da salvaguarda de sua significação, apenas deslocando-se o sentido de outro signo com o qual o primeiro tivesse relação. Na relação que se estabelece entre valor e significação, o valor aparece como materialização da significação através da relação que os signos mantêm entre si, pela situação de

interdependência negativa entre os termos (BASÍLIO, 2013). A língua é “um sistema em que todos os termos são solidários e [que] o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2006, p. 135). Os valores são “definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 2006, p. 136).

O valor é um componente do sentido, contudo, ao mesmo tempo em que o sentido depende do valor, permanece distinto dele. Em outras palavras, na significação o valor de um signo procede da presença e da ausência de signos, na intersecção dos eixos sintagmático e paradigmático. O valor *in absentia*⁴ do signo, se divide inicialmente em valor interno e valor sistêmico. O valor interno se desenvolve em três tipos de valores: o significado como valor do significante, o significante como valor do significado e, finalmente, significado e significante um como valor do outro (NÓBREGA, 2004). A noção que coloca o significado como valor do significante é a que comumente se compreende como valor, mas este seria apenas um dos aspectos do valor. No segundo caso há uma inversão: coloca-se o significante como valor do significado; Bouquet (1997) afirma que isso é possível em certos casos analíticos, ainda que se exija um exercício de reflexão mais profundo. O terceiro caso, quando ambos servem de valor para ambos, funciona dentro da lógica de que significante e significado são imanentes quando a língua está em movimento. Já o valor sistêmico se divide em dois: valor fonológico e valor semântico. Tais divisões são meramente metodológicas, uma vez que tais valores aparecem de forma amalgamada no momento da fala.

Por outro lado, o valor *in presentia*⁵ diz respeito à oposição entre as unidades no eixo sintagmático que se evidenciam no interior de uma frase ou de um texto. Neste caso, cada unidade adquire seu valor em oposição às unidades que a circundam. Dito de outra forma, uma determinada palavra é aquilo que as outras não são, e por isso significa o que as outras não significam.

O valor de uma palavra subordina-se à relação com os signos que se situam ao redor dela. A significação, na constituição interna do signo, aparece inicialmente como contraparte da imagem acústica, mas depois emerge como contraparte de outros signos coexistentes, ou seja, na constituição externa do signo. Esta valoração externa do signo

⁴ Do latim, “em ausência”.

⁵ Do latim, “em presença de”.

se dá sobre um princípio paradoxal: ao mesmo tempo em que o valor aparece como algo que pode ser trocado por outra coisa (como uma moeda de um real pode ser trocada por um pão), ele pode também ser comparado com outras coisas semelhantes (moedas de cinquenta centavos, vinte e cinco centavos etc.). Neste aspecto, a noção de valor como contraparte se dá concomitantemente nas duas relações: existe uma hiância (descontinuidade) que separa um signo do outro, contudo, uma separação que confere interdependência às partes, que as liga por semelhanças comparáveis ou por diferenças trocáveis (SAUSSURE, 2006, p. 162).

Dito de outra forma, na significação o valor *in presentia* do signo não é imputado por uma simples diferença, mas por dois tipos distintos de diferenças. Logo, para delinear o valor de uma palavra é preciso levar em consideração as demais palavras pelas quais ela poderia ser trocada bem como trazer à tona as palavras mais ou menos semelhantes com as quais ela possa ser comparada. Assim, a noção de valor linguístico decorre de três tipos de relações: uma interna (entre significante e significado), uma relação em ausência e outra em presença de outros signos.

Esta dupla contraposição do signo implica o processo de significação em duas linhas de orientação: uma horizontal, sintagmática, e outra vertical, paradigmática. Segundo Godel (1969, p. 72), em Saussure as duas formas de diferenciação do signo aparecem ao mesmo tempo na significação: o valor de uma palavra decorre de certa possibilidade de troca ou comparação (eixo paradigmático) e de uma relação linear estabelecida no interior de uma frase (eixo sintagmático).

Em ambos os eixos, o signo tem seu valor imputado pela diferença estabelecida com outros signos, estejam eles presentes ou não no enunciado. É na hiância entre eles que se sustenta a relação negativa que condiciona seus valores. Quando se estabelece algum tipo de vínculo entre eles, quando são colocados um na presença do outro, os signos assumem concomitantemente dois tipos de agrupamentos: “cada unidade não vale e não realiza sua função senão pela combinação que lhe é dada [...] cada elemento não dispõe livremente do seu sentido, mas somente por combinação” (GODEL, 1969, p. 232, tradução nossa).

Até agora vimos a negatividade do sistema linguístico, ou seja, a pura diferença que faz parecer que a língua seja desprovida de substância: “Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema” (SAUSSURE, 2006, p. 139). Mas isso não é tudo o

que Saussure atesta sobre o signo e o processo de significação. Logo depois Saussure alerta que o signo, tomado em sua totalidade, é um fato positivo: “dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideramos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem” (SAUSSURE, 2006, p. 139). É somente enquanto algo positivo que o signo pode adquirir caráter material, afinal, ele é também composto por um significante, uma materialidade positiva que, quando posta em relação em relação com os demais, não apresenta apenas uma diferença, mas também uma oposição.

Em outras palavras, em um primeiro momento a relação entre os signos é caracterizada pela diferença, mas posteriormente a noção de diferença se condensa, se torna mais radical e definitiva: se torna oposição. Os diferentes não necessariamente se opõem, podem, aliás, conviverem pacificamente em um dado espaço. Já a noção de oposição acentua a distância que se estabelece entre diferentes signos. Na oposição está implícita certa rejeição, certa força ativa que repele um signo do outro, e os afasta. Assim, diferença e oposição constituem o signo, mas a primeira noção se sustenta na negatividade, enquanto a segunda se estabelece na positividade do signo (SILVA et al., 2016).

[...] limitado no total de ideias positivas que ele é no mesmo momento, chamado a concentrar em si mesmo. ‘Ele só é limitado negativamente pela presença simultânea de outros signos, e é, portanto, inútil procurar qual é o total de significações de uma palavra’ (SAUSSURE, 2006, p. 72).

Das reflexões decorrentes do pensamento saussuriano, a mais cara a esta proposição é a que atesta que o sistema, por ser constituído por diferença e oposição, é um sistema aberto, preenchido muito mais por vazios, ausências e forças opostas do que por presenças. Um signo não se apoia no outro, ele se distingue do outro, se opõe e se afasta do outro, logo, sempre podem entrar outros signos no sistema. Ademais, é preciso assumir que é muito maior o que não está no sistema (o silêncio) do que o que lá está: ele se organiza para fora, abrindo, e não para dentro, fechando. A oposição positiva entre os signos atesta, afinal, a materialidade positiva da hiância (da ausência, do vazio) que separa um signo de outro mais do que a materialidade positiva da presença.

A ausência de vínculos que reside o valor do signo é percebida no caráter contingente das relações que se estabelecem. Os valores continuam a ser inteiramente

relativos justamente porque o vínculo que liga ideia e som, significante e significado, e um signo e a outros signos, é radicalmente arbitrário. Se assim não o fosse, o valor apareceria como força absoluta, necessária e encerrada sobre si mesma. Mas é justamente porque o contrato social que estabelece o sistema é arbitrário é que os valores são fundamentalmente contingentes e relativos.

Do ponto de vista da causalidade, em Saussure tem-se que assumir que a causa do signo é a arbitrariedade e a diferença opositiva: há uma hiância fundamental que separa referente, significante e significado, a mesma descontinuidade que separa e opõe um signo de outro signo. No dizer, essa hiância que separa e opõe cada parte do signo é estrutural e intransponível; nestes termos, a noção de hiância se torna mais pertinente que as noções de corte e descontinuidade, pois a primeira diz respeito a um estado estrutural de distância, e as outras duas se referem a gestos secundários de fratura de algo que antes foi inteiro. A língua nunca foi inteira, como uma plenitude adâmica estilçada pelo erro. Só no silêncio o sentido é pleno, na língua ele emerge separado do significante e do referente - uma separação entre partes que jamais foram “um”. É nesta separação entre as partes, e na movência mais ou menos contingente entre elas, que sustentamos a hipótese da errância: na impossibilidade de unidade, ou melhor, nas andanças do significado em relação ao significante e ao referente.

Por outras materialidades da língua

Essa consideração a respeito do signo em Saussure nos permite chegar a outros questionamentos a respeito da língua como materialidade do discurso: não seriam as forças “negativas” (ausências) que atuam no signo - a saber, hiância, oposição e diferença -, agentes causadores tão ou mais importantes que aquilo que se pode chamar de “positivo” e “presente” nele? Se essa for uma pergunta pertinente, chegamos a outra: que materialidade é essa, a língua, que se mostra muito mais como ausência que presença?

No começo deste texto mostramos que a noção de matéria possui ao menos seis definições na história da filosofia: 1) matéria como sujeito; 2) matéria como potência; 3) matéria como extensão sensível; 4) matéria como força; 5) matéria como lei; 6) matéria como densidade de campo. Doravante nos colocaremos a pensar, ainda que com ares de introdução, a possibilidade de cotejarmos a materialidade da língua (tal como concebida na Análise do Discurso) com essas diferentes concepções de matéria advindas de distintos campos da filosofia.

- a) Matéria como extensão corpórea sensível: começemos pela noção mais tradicional e familiar aos marxistas. Na AD se usa com muita frequência a concepção de materialismo histórico-dialético sem se ater à premissa de “matéria”, como se pudéssemos falar em materialismo abstrato, ou por vezes até de um materialismo idealista, calcado em ideias ou em funcionamentos que não se dão à percepção. Em se tratando de marxismo ortodoxo, essa concepção é cara demais para nos permitirmos caminhar às margens de certos idealismos. Isso implica colocarmos no centro da análise a língua como materialidade do discurso, ou melhor, suas manifestações materiais, empíricas, aquelas dadas à percepção. Falamos, portanto, da matéria opaca usada na significação: o significante. É a letra escrita com tinta no papel, é a onda sonora emitida pelo aparelho fonador, é a fotografia impressa pela tela de plasma. É a materialidade significante que deve ser posta em questão. Contudo, o que propomos neste texto é justamente lançar luz sobre a pretensão dos materialistas, inclusive Marx, de conceber a matéria como uma totalidade. Essa pretensão tem ao menos duas consequências: 1) a negação de fraturas, hiâncias, fissuras e faltas no seio da matéria. 2) produzir um totalitarismo dogmático no seio de uma teoria que busca denunciar e lutar contra totalitarismos dogmáticos – neste aspecto, o marxismo se mostra um exímio “esquecedor” de dizeres outros, colocando *a priori*, com ardor e furor, uma noção de matéria que não se permite sequer uma atualização teórica.
- b) Matéria como sujeito: essa definição advém dos pré-socráticos, passando por Platão e Aristóteles. Ela define matéria como aquilo que é sujeito à aplicação de uma forma. Nesse sentido, “matéria” é o material bruto, amorfo, passivo e receptivo, sujeito ao trabalho externo. Ainda que para seus defensores essa matéria não apareça como causa primeira dos fenômenos, essa noção não é de todo descartável para a teorização que nos interessa aqui. Essa definição de matéria sempre passou longe do continente marxista porque pressupõe um agente racional atuando sobre o material, como se a matéria fosse secundária, sujeita à ação primária de uma ideia que lhe confere forma. Uma contradição simples se manifesta aqui: Marx é o pensador que defende o primado da matéria, mas é também aquele que defende o trabalho (força que transforma e aplica forma ao mundo) como agente causador de tudo. Dito de outra forma, não nos parece completamente impertinente essa definição de matéria como sujeito, muito menos no campo da linguagem e do discurso. Em termos de linguagem, a matéria significante não existe (pronta e acabada) antes do trabalho de

um sujeito material capaz de transformar materialidades amorfas em materialidades aptas a receber sentidos - o desenho da letra, a empostação da voz, o clique da câmera ou o dedilhado do violão são trabalhos materiais de transformação de matéria amorfa em matéria significativa. Esta definição, inclusive, sugere um nível menor de totalização da matéria, que sujeita à aplicação de formas por forças externas, pressupõe, ao menos, um inacabamento ou um processo em construção.

- c) Matéria como potência: essa definição também advém dos filósofos socráticos. Para Aristóteles, todas as coisas corpóreas têm matéria; contudo, a possibilidade que cada uma tem de ser ou não ser é que é a matéria em estado puro. Neste caso, a matéria deixa de ser algo passível (como na matéria-sujeito) e passa a ser compreendida como uma força ativa e operante. Uma casa, por exemplo, existe materialmente se nada houver em seu material que a impeça de se tornar casa, e se nada mais houver que deva ser acrescentado, retirado ou mudado. Qualquer acidente contingente pode levar a casa à presença ou à ausência, e é justamente essa potência de ser ou não ser que é, para Aristóteles, a matéria de todas as coisas corpóreas do mundo. Para ele, as coisas que contém em si mesmas o princípio de sua gênese existirão por si mesmas quando nenhuma outra potência o impedir. Essa autossuficiência da potência para conferir existência confere à matéria um princípio que não estritamente corpóreo. Ora, essa compreensão de matéria pode nos ajudar a clarificar a materialidade da língua com novos contornos. Ela nos ajuda a pensar o arbitrário do signo e até mesmo o valor do signo enquanto potências contingentes que podem trazer à existência ou levar ao esquecimento uma determinada significação. Neste aspecto, o encontro possível entre signos pode gerar, nas palavras de Althusser, uma carambola ou o nascimento de um mundo. Por outro lado, essa concepção de matéria nos ajuda também a pensar a força interna do sistema de signos como aquilo que lhe confere potência de existir ou dissipar.
- d) Matéria como força: essa concepção proposta no início da modernidade também foi aceita por Kant, que propunha que a matéria é aquilo que preenche um espaço não através de sua existência pura, mas por meio de uma força motriz e particular: a força repulsiva de todas as suas partes. O conceito romântico de matéria como força e atividade, delineado por Schelling, propõe que as três dimensões da matéria são determinadas por três forças constitutivas: força expansiva, força atrativa e uma terceira força que sintetiza as duas primeiras. No campo da física e da química, esse ponto de vista foi nomeado como energismo; Wilhelm Ostwald (1924) sustentou, no

fim do século XIX, que o conceito de matéria era, na verdade, inútil para as ciências da natureza, sugerindo sua substituição pelo conceito de energia. Ora, a concepção de matéria como força é muito rica para nossa reflexão sobre a materialidade do signo. Se entendermos, com Saussure, que as forças opositivas e diferenciais são as energias que conferem forma ao sistema da língua, podemos assumir que a materialidade do signo é composta muito mais por agentes incorpóreos que corpóreos.

- e) Matéria como lei: segundo Ernst Mach (1919), a matéria é uma conexão determinada de elementos sensíveis em conformidade com uma lei. Essa definição parece sugerir uma negação da matéria, ou uma redução de seus princípios objetivos a elementos subjetivos e psíquicos, contudo, ela ao menos sugere a substituição da rigidez e inércia tradicionalmente atribuídas à matéria por uma estabilidade relativa e mutável, como em uma lei. Nesta definição, o conceito de lei deve ser entendido como expressão de uma conexão constante, logo, a matéria justamente a conexão constante na qual se apresentam agrupados os elementos últimos das coisas corpóreas. Mais uma vez outra concepção de matéria pode nos fornecer novos contornos à materialidade do signo e da língua. Partindo dessa concepção de matéria podemos compreender melhor o fato de que o sistema da língua é regido por leis internas que são, em última instância, a própria matéria da língua. Essa concepção nos permite, ainda, entrever o caráter variável do sistema de leis, ou melhor, o traço fundamentalmente cambiante que compõe a língua enquanto matéria.
- f) Matéria como densidade de campo: as definições anteriores são todas de natureza filosófica, ao passo que esta última advém estritamente do campo da física e da química. Na ciência contemporânea, a noção de matéria tende a ser reduzida à de “densidade de campo”. Como vimos no início deste artigo, o átomo (a menor parte da matéria) é composto muito mais por vazios e forças imateriais do que por positivities corpóreas. Existem teóricos que hoje defendem a renúncia ao termo “matéria” para que se edifique uma física da densidade de campo. Para eles, o que impressiona nossos sentidos como “matéria” na verdade não passa de uma grande concentração de energia em um espaço delimitado. Esta tendência da física contemporânea não significa reduzir a matéria à energia, mas sim assumir que a maior parcela do que constitui o que chamamos de matéria é, de fato, imaterial e incorpóreo. A “matéria”, afinal, é um campo preenchido com forças de atração e oposição, e no meio desse turbilhão de energias ativas existem alguns minúsculos

pontos corpóreos. A matéria, portanto, ainda que seja muito mais imaterial que material, se manifesta como materialidade à intuição precisamente pela ação dessas forças de atração e oposição que organizam o átomo tanto de dentro quanto de fora (aliás, segundo Ostwald (1924), a própria noção de interioridade e exterioridade pode ser colocada em questão se assumirmos que forças provenientes de diferentes direções atuam na ordenação do átomo). Ora, essa perspectiva muda radicalmente a forma com que se entende o materialismo dentro do grande continente marxista, e muda também significativamente a forma com que compreendemos a materialidade linguística. Se concordarmos com o que foi descrito nas páginas anteriores a partir de Saussure, o signo e a língua, enquanto matérias sensíveis, poderiam ser mais bem descritos como campos de forças com maior ou menor densidade. Essa perspectiva nos ajudaria a questionar um pouco melhor o motivo pelo qual certos signos alcançam maior ou menor nível de “solidez” e “completude” - a despeito de forças exteriores (forças discursivas, ideológicas etc.). A partir do valor e do arbitrário do signo, talvez possamos procurar por forças contingentes que proporcionem a determinados signos uma “densidade” maior ou menor, o que nos ajudaria finalmente a pensar o valor que se estabelece para um signo em um texto poético em relação ao valor para o mesmo signo em um texto científico. A materialidade do signo, ou melhor, aquilo que do signo se dá à intuição sensível, é a somatória de entidades corpóreas e “materiais” (no sentido tradicional da palavra) com uma rede de forças de atração e dispersão que organizam as partículas em diferentes níveis de densidade. Essa soma de forças contraditórias, e mais ou menos densas, chamaremos aqui de “matéria poética do signo”.

Considerações finais: a matéria poética do signo

A materialidade é a qualidade (forma de ser) daquilo que é material. Sustentamos, neste texto, que a forma material de ser do signo, a partir de Saussure, não é capaz de constituir completudes sólidas justamente porque sua estrutura se apreende muito mais como ausência que presença. Aquilo que confere alguma ordem errante à materialidade do signo não é seu exatamente seu caráter corpóreo, mas sim as forças de atração e oposição que o condicionam (valor do signo). Dito de outra forma, ainda que o signo seja muito mais imaterial que material, ele se apresenta como materialidade ao sujeito do discurso por intermédio das forças que atuam em sua constituição.

Se essa perspectiva tiver alguma coerência e pertinência, a parcela imaterial que confere materialidade ao signo pode ser nomeada como “matéria poética do signo”. E por que materialidade poética? É que aquilo que confere alguma ordem e solidez ao signo é também aquilo que lhe impossibilita qualquer plenitude e estancamento. Se concordarmos com Gadet e Pêcheux (2004, p. 63): “poder-se-ia também entender, sob o princípio saussuriano do valor, que a poesia não tem lugar determinado na língua porque ela é literalmente coextensiva a esta última, do mesmo modo que o equívoco: talvez ‘não haja poesia’”.

O sistema da língua, de igual forma, é constituído por forças de atração e oposição incapazes de conferir ao sistema qualquer solidez e rigidez. A materialidade da língua (aquilo que dela se manifesta de forma material) advém de hiências intransponíveis somadas (e organizadas) por forças moventes com maior ou menor densidade. O trabalho da ciência, da política, da religião etc. é o de negar a matéria poética do signo conferindo-lhe maior densidade em um determinado sistema de signos organizados a partir de uma Formação Discursiva. O poeta, por outro lado, é aquele que apenas permite à língua sua errância constitutiva.

Diante das teorias que isolam o poético do conjunto da linguagem, como lugar de efeitos especiais, o trabalho de Saussure [...] faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino nem da poesia, mas uma propriedade da própria língua. O poeta seria apenas aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites (GADET E PÊCHEUX, 2004, p.58).

A matéria poética do signo, portanto, é errante e claudicante por natureza, é a parcela da materialidade que interdita qualquer plenitude e rigidez acabada. A matéria poética do signo é o que lhe permite errar, vagar e perambular sem rumo.

REFERÊNCIAS

BARRETO, E. F. Arbitrariedade da língua em Saussure: do mito freudiano ao real lacaniano. **Revista Odisseia**: PPGEL/UFRN, 2010.

BASÍLIO, R. **A teoria do valor linguístico revisitada**. Nonada. Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2013.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1997.

GODEL, R. **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure**. 2. ed. Genebra: Librairie Droz S.A., 1969.

HUME, D. **Investigação sobre o entendimento humano**. Lisboa: Edições 70, 1998.

MACH, E. **The Science of Mechanics: a critical and historical account of its development**. Trad. T. J. McCormack. London: The Open Court Publishing Company, 1919.

MARX, K. **El Capital**. Paris: Editions Sociales, 1976.

NÓBREGA, M. A língua como sistema de signos: Saussure e seu trabalho com a produção de sentidos. **Graphos**, João Pessoa, v. 6, 2004.

OSTWALD, W. **Compendio de química general**. Tradução da 6. ed. alemã. Barcelona: Manuel Marin, 1924.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

SANTOS, A. N. D.; CHISHMAN, R. L. D. O. Do conceito de signo ao princípio do valor linguístico: ensaio sobre a dimensão do significado na teoria saussuriana da linguagem. **Domínios de Lingu@Gem**, v. 9, n. 1, p. 241-252, jan./mar. 2015.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, D. L. G. D. et al. Valor linguístico e desvio de linguagem: um estudo acerca do autismo. **Revista Prolíngua**, v. 11, n. 2, p. 13-23, out./dez. 2016.

Como referenciar este artigo:

ALMEIDA, João Flávio de. Um vazio preenchido de poesia: hiância e errância como matérias poéticas no signo saussureano. **Revista Linguasagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, p. 66-85, janeiro, 2021.